

Credores temem união entre Brasil e os argentinos

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O anúncio feito pelo Presidente da Argentina, Raul Alfonsín, de que lançará uma ofensiva diplomática para congelar os juros da dívida externa de seu País, preocupou os banqueiros americanos. A duas semanas do início das negociações com o Governo brasileiro, eles interpretaram o pronunciamento de Alfonsín como “uma espécie de senha para o endurecimento do jogo”, segundo comentou ontem o Diretor de um dos maiores credores dos dois países.

A expectativa é de que o Brasil e Argentina ataquem em duas frentes. Eles utilizariam a reunião anual do Fundo Monetário Internacional — que começa no dia 24, em Washington — para a colocação de sua posição à comunidade financeira internacional. E, no mesmo dia, a transmitiriam diretamente aos banqueiros americanos, após o encontro reservado que os Ministros de Economia dos dois Países, mais o do México, realizarão em Nova York.

“Pelas informações que temos recebido, Brasil e Argentina vêm preparando juntos, há algumas semanas, uma estratégia cujo eixo seria forçar os bancos a aceitarem como referência, na negociação, o valor que a dívida atualmente tem no mercado secundário”, disse o banqueiro ao GLOBO.

Isso significaria, para eles, ter de abrir mão de boa parte do dinheiro que têm a receber. Afinal, cada dólar devido pelo Brasil vale hoje apenas 54 centavos nesse mercado paralelo. A dívida argentina, nesse meio, é cotada a 50% do seu valor nominal. A vantagem para ambos os países seria diminuição dos juros em seus balanços de pagamentos.